

VISEU

AERO CLUBE ENSINA A VOAR E A PROTEGER A FLORESTA PORTUGUESA

Reconhecido pela qualidade da formação dos pilotos que saem das suas escolas, o Aero Clube de Viseu é também um guardião da floresta que sobrevoa durante as aulas práticas, sempre atento e pronto a sinalizar os fogos nascentes.

/ Teresa Cardoso / cidades@jnp

Carlos Costa e José Dias (dirt*)
dirigem uma associação
responsável pela formação
de gerações de pilotos



FOTOS RICARDO ESTIVANTE/GLOBAL IMAGES

ALVARÁ NÚMERO UM PARA ESCOLA DE ULTRALEVES



A Escola de Pilotos de Ultra-Ligeiros do Aeroclube de Viseu é detentora do primeiro alvará concedido a nível nacional. O documento, emitido pelo INAC (Instituto Nacional de Aviação Civil), em 11 de Março de 2009, confere à escola autoridade para funcionar como organização de formação de Pilotos de Ultraleves (PU). Idêntico alvará tinha sido já atribuído, em 17 de Fevereiro do mesmo ano, à mesma escola, neste caso para ministrar formação e atribuir licenças de Piloto Particular de Avião (PPA). Os exames finais e certificação da formação compete ao INAC.

VOLTA ÀÉREA DO NOROESTE IBÉRICO NO CALENDÁRIO

Entre as várias iniciativas em que se envolve, anos após anos, há uma a que o Aeroclube de Viseu nunca falha: a volta aérea do Noroeste Ibérico. Carlos Costa, dirigente da colectividade, explica que a participação é feita em conjunto com o Aeroclube de Leon (Espanha) e Bragança e envolve, durante uma semana, pilotos dos dois países.



A cumprir o quarto mandato como presidente da direcção do ACV, José Dias lembra que nem só de formação vive a colectividade. A vigilância da floresta e a manuten-

ção do Aeródromo Gonçalves Lobato, são outras duas importantes áreas de actuação, qualquer delas sustentada por protocolos.

No caso da vigilância da floresta,

que começou por ser feita em parceria com a ex-CNEFF (Comissão Nacional Especializada em Fogos Florestais), estando agora a cargo do Ministério da Administração Interna através da Federação Portuguesa de Aeronáutica, José Dias reconhece que a colaboração "já foi mais intensa", estando agora limitada a uma hora e meia de vigilância/dia, paga pela tutela, a que se juntam as muitas horas de voo que o ACV faz por sua conta e risco.

"Estamos a prestar um serviço à comunidade a custo zero. O piloto vai lá de borla", diz José Dias, enquanto lembra o estudo, feito há já uns anos, que atribuía a esta vigilância a detecção de 98% dos fogos nascentes.

O outro protocolo, estabelecido com a Câmara de Viseu, atribui ao ACV, a troco de um valor simbólico, a manutenção do Aeródromo Gonçalves Lobato, numa área de 60 hectares e 1.200 metros de pista. O festival aeronáutico, outra actividade do ACV que se realiza anualmente integrado na Feira de S. Mateus, atrai mais de 20 mil pessoas e é o segundo maior do país. Neste caso, a colectividade desafia a Força Aérea a "regressar" com os seus caças a este festival. O mesmo reptó é lançado a potenciais patrocinadores. "Basta que meia dúzia nos apoiem, para fazermos deste um dos melhores festivais internacionais", asseveram José Dias e Carlos Costa. ■

44

anos

Fundado em 16 de Março de 1966, no antigo Campo da Muna, o Aeroclube de Viseu já leva 44 anos de actividade.

7

PILOTOS - COMANDANTES

Ligados a grandes companhias aéreas, TAP incluída, fizeram a sua formação de base no Aeroclube de Viseu.

A actividade do Aeroclube de Viseu (ACV), que em Março irá colocar 45 velas no bolo de aniversário, é dominada pelas duas escolas de formação que tem a funcionar desde há vários anos: a de Pilotos de Ultraleves (PU), a primeira no país a obter alvará, e a de Piloto Particular de Avião (PPA), esta com a maior taxa de sucesso nos exames promovidos pelo INAC (Instituto Nacional de Aviação Civil), e que tem muitos dos seus licenciados a voar em grandes companhias aéreas. "Ao longo destes anos já atribuímos, seguramente, 'brevets' a mais de 70 pilotos", enfatiza José Ferreira Dias, presidente da direcção.

O ACV nasceu no Campo da

Muna, onde foi construído um primeiro hangar, por acção de um grupo de viseenses que tinham em comum a paixão pela aviação. Por força da reestruturação do actual Aeródromo Gonçalves Lobato, a associação transferiu-se, anos mais tarde, para novas instalações, no mesmo local, onde tem a sua estrutura.

"A nossa frota é de cinco aeronaves", avança Carlos Costa, também dirigente do ACV, instituição que conta com 175 associados. Embora viva das receitas das quotas e da formação que ministra, a instituição assevera que pratica os "preços mais baixos" a nível nacional. "Um curso para ultraleves custa três mil euros e o de pilotos de avião à volta de sete mil", acrescenta.